

**EDIÇÃO E ESTUDO FILOLÓGICO DE TEXTOS
A PARTIR DO ACERVO NIVALDA COSTA**

Débora de Souza (UFBA)
deboras_23@yahoo.com.br

RESUMO

A pesquisa filológica dos e/nos documentos do Acervo Nivalda Costa (ANC), parte integrante do Arquivo Textos Teatrais Censurados, vinculado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem nos permitido desenvolver leituras crítico-filológicas de textos de escritoras e de escritores baianos, colocando em cena sujeitos que atuaram de forma significativa em determinado contexto sociopolítico, e, por conseguinte, contribuir com o processo de (re)construção e atualização da memória e da história desse povo. Neste trabalho, no lugar teórico da Filologia, conforme procedimentos metodológicos da Crítica Textual, em diálogo com outros saberes, propomos tecer considerações sobre o estudo filológico que temos desenvolvido a partir de documentos reunidos no supracitado acervo, tomando para exemplificação a *Série Arte/Literatura*, produção literária baiana editada pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, da qual Nivalda Costa participou ativamente. Nesse sentido, por meio do ANC, temos lido não somente a produção e o sujeito Nivalda Costa, mas também construído um conhecimento acerca de outras produções, textos, sujeitos e espaços de sociabilidade, de crítica e de criação, no que tange ao estado da Bahia, principalmente, no período de 1970 a 1990.

Palavras-chave:

Filologia. Acervo Nivalda Costa. *Série Arte/Literatura*.

ABSTRACT

Philological research of and/in the documents of Nivalda Costa's Collection, part of the Censored Theatrical Texts Archive, linked to the Institute of Letters of the Federal University of Bahia, has allowed us to develop critical-philological readings of both women and men Bahian writers' texts, putting on stage subjects who acted significantly in a given socio-political context, and, therefore, contribute to the process of (re)construction and updating the memory and history of this people. In this study, in the theoretical basis of Philology, according to methodological procedures of Textual Criticism, in dialogue with other set of knowledge, we propose to make considerations about the philological study that we have developed from documents gathered in the aforementioned collection, taking as an example the *Art/Literature Series*, a Bahian literary production edited by the Center for Afro-Oriental Studies of the Federal University of Bahia, in which Nivalda Costa actively participated. In this sense, through Nivalda Costa's Collection, we have read not only the subject and the production of Nivalda Costa, but also built a knowledge about other productions, texts, subjects and spaces of sociability, criticism and creation, regarding the state of Bahia, mainly, from 1970 to 1990.

Keywords:

Philology. Nivalda Costa's Collection. *Art/Literature Series*.

1. Considerações iniciais

O pesquisador, no âmbito da Filologia, tem-se centrado nas atividades de edição e crítica-filológica de textos (manuscrito, datiloscrito, impresso, digital), valendo-se, para tanto, de um diversificado conjunto de saberes e de habilidades no processo de atualização de sentidos e de ressignificação de textos. Entendemos Filologia como construção ética de leitura (SACRAMENTO; SANTOS, 2017), prática de saber-poder, “[...] um modo de participação ativa e deliberada na esfera mundana textual, política, cultural [...]” (SACRAMENTO; SANTOS, 2017, p. 135).

O filólogo-editor, no trabalho com fontes documentais, em arquivos e acervos, conforme especificidade do objeto de estudo e finalidades da pesquisa, examina e interpreta tradições textuais, descreve textos em sua materialidade, analisa movimentos de criação e caracteriza processos de transmissão, visando construir a história dos textos (BORGES, 2012), para os quais propõe um modo de leitura. Na trama do arquivo, o texto, relacionado a outros documentos, é parte de uma teia, de uma rede, reconhecido em sua instabilidade e diversidade material e histórica.

De acordo com Heymann (2012, p. 23), o arquivo, em uma abordagem sociológica, pode ser compreendido como “[...] metáfora do cruzamento entre memória, saber e poder; [...] construto político que produz e controla a informação, orientando a lembrança e o esquecimento [...]” (HEYMANN, 2012, p. 24). Acervo, em sentido estrito, é lido como “[...] conjunto de documentos em papel ou em objetos que testemunham a vida e a obra de um escritor [...]” (BORDINI, 2012, p. 119). O texto, na Filologia, por sua vez, é adotado como objeto material e social, documento/testemunho de um lugar e de uma época, que, após o crivo do pesquisador, pode vir a tornar-se monumento e remeter ao passado (LE GOFF, 1994).

Tais concepções colocam em evidência o teor crítico e produtor dos pesquisadores, os quais, em contato com arquivos, acervos e documentos, tomam uma série de decisões ao realizar seus estudos. A pesquisa filológica dos e/nos documentos do Acervo Nivalda Costa (ANC)⁶⁷, parte integrante do Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC), vincu-

⁶⁷ Cf. Tese intitulada *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico* desenvolvida por Souza (2019) no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>.

lado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem nos permitido desenvolver leituras crítico-filológicas de textos de escritoras e de escritores baianos, colocando em cena sujeitos que atuaram de forma significativa em determinado contexto sociopolítico, e, por conseguinte, contribuir com o processo de (re)construção e atualização da memória e da história desse povo.

Neste trabalho, propomos tecer considerações sobre o estudo filológico que temos desenvolvido a partir de documentos reunidos no supracitado acervo, tomando para exemplificação a *Série Arte/Literatura*, produção literária editada pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, da qual Nivalda Costa participou ativamente. Por meio do ANC, temos lido não somente a produção e o sujeito Nivalda Costa, mas também construído um conhecimento acerca de outras produções, textos, sujeitos e espaços de sociabilidade, no que tange ao estado da Bahia, principalmente, no período de 1970 a 1990.

2. A série arte/literatura a partir do acervo Nivalda Costa

Ao longo dos anos, temos construído o ANC, reflexo da prática de pesquisa coletiva desenvolvida por membros da Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), coordenada pela Profa. Dr^a Rosa Borges, e, em especial, por esta pesquisadora, a partir de diferentes atividades de registro dos documentos, de digitalização, após consulta e captura das imagens em diferentes instituições de guarda; de sistematização, catalogação e inventariação, na tarefa de organização do referido acervo; de pluralização, na incorporação ao ATTC; e de ampliação da possibilidade de circulação e de (re)inserção como parte da memória social.

No ANC, reunimos em séries⁶⁸ e subséries mais de trezentos (300) documentos acerca da produção e da atuação de Nivalda Costa, sobretudo no que tange ao período da ditadura militar, referentes, principalmente, ao espetáculo, à imprensa e à censura teatral, provenientes de diversos arquivos e instituições de guarda, do Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia, do Arquivo Pessoal de Nivalda Costa (APNC), da Bi-

⁶⁸ Temos organizado os documentos dos acervos pertencentes ao ATTC em dez séries: Produção Intelectual; Publicações na Imprensa e em Diversas Mídias; Documentação Censória; Esboços, Notas e Rascunhos; Documentos Audiovisuais e Digitais; Correspondência; *Memorabilia*; Adaptações e Traduções; Estudos; *Varia* (SANTOS, R., 2018).

biblioteca Pública do Estado da Bahia, da Coordenação Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal (Fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas, Série Teatro), do Acervo do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA (ACEAO/UFBA), do *Nós, por exemplo* – Centro de Documentação e Memória do Teatro Vila Velha, dentre outros (SOUZA, 2019).

Esse trabalho de sistematização do ANC provoca reflexões quanto à dispersão desta produção intelectual, o perfil do sujeito, as redes de sociabilidade, os processos de circulação e recepção e o papel do pesquisador. Essa dispersão pode ser lida como expressão da própria história da artista que transitou por diferentes lugares. Reflexo do sujeito ativo, plural e criativo, das formações acadêmicas, atuações profissionais e funções sociais desempenhadas no teatro, na literatura e na televisão; do envolvimento em movimentos sociopolíticos, artísticos e culturais, à época (SOUZA, 2019).

Essa característica dá testemunho de um aspecto de sua vida, de seu lugar e posicionamento nos acontecimentos, mas também de seu papel na vida coletiva, suas relações pessoais, sociais, políticas e intelectuais, os círculos de discussão frequentados, os lugares e as redes de sociabilidade. Essas redes variam conforme épocas e grupos intelectuais e podem ser usadas para pensar sobre a trajetória, o papel e o poder de um intelectual em meio a ideologias e mentalidades coletivas (SIRINELLI, 1996). Tais grupos ocupam, muitas vezes, lugares de discussão e construção epistemológica, nos quais convivem e trocam experiências.

Nas atividades socioculturais em que esteve envolvida, Nivalda Costa construiu espaços de discussão, e, junto a outros artistas, escritoras e escritores, principalmente baianos, assumiu um papel significativo de resistência na sociedade soteropolitana, como intelectual negra, amadora⁶⁹ e múltipla⁷⁰.

⁶⁹ Segundo Said (2005 [1994]), para atuar com certa liberdade de opinião e de expressão, o intelectual em quaisquer atividades que desempenha deve se posicionar como amador e exilado, o que envolve muitos desafios. “[O] amadorismo significa uma opção pelos riscos e pelos resultados incertos da esfera pública [...] em vez do espaço para iniciados, controlado por especialistas e profissionais” (SAID, 2005 [1994], p. 91).

⁷⁰ De acordo com Hoisel (2012, p. 161), “a expressão intelectual múltiplo define a diversidade de lugares de produção de discursos (ou de escritas), onde estes sujeitos se inscrevem e se produzem [...]”.

De acordo com Gomes (2009), o intelectual negro é

[...] aquele que indaga a ciência por dentro e problematiza conceitos, categorias, teorias e metodologias clássicas que, na sua produção, esvaziam a riqueza e a problemática racial ou transformam raça em mera categoria analítica retirando-lhe o seu caráter de construção social, cultural e política. E ainda, é aquele que coloca em diálogo com a ciência moderna os conhecimentos produzidos na vivência étnico-racial da comunidade negra. (GOMES, 2009, p. 426)

Este grupo de intelectuais, que tem um perfil distinto principalmente quanto à natureza do seu discurso e a seu posicionamento nas lutas sociais, sempre existiu, mas, no Brasil, é “[...] a partir dos anos [19]90[,] [...] [que o mesmo] passa a assumir uma especificidade no campo do conhecimento acadêmico” (GOMES, 2009, p. 422). No caso de Nivalda Costa, e de uma geração de baianos e de baianas, seu posicionamento político em diferentes práticas socioculturais, na produção de saber-poder, configurou-se, oficialmente, a partir dos primeiros anos da década de 1970, momento de articulação sociopolítica e cultural, movimentos de contracultura, afirmação dos valores de matriz afrodescendente e popular.

Nesse sentido, embora possamos pensar o ANC como um conjunto de documentos que versa sobre um titular, atentamos também para o acervo em uma perspectiva social. Nos documentos reunidos no acervo, há indícios de um trabalho social e político de validação da arte e da cultura, direcionado às camadas populares, empreendido por Nivalda Costa, por meio de estudos e pesquisas, mas também de um trabalho coletivo, procedimento de luta sociocultural, prática de cidadania, de natureza micropolítica, projeto inscrito na sua trajetória (SOUZA, 2019).

Tais documentos apontam para outras produções, textos e sujeitos, dentre os quais tomamos nesse artigo, para exemplificação, a *Série Arte/Literatura*⁷¹, produção literária da qual aquela mulher participou das etapas de planejamento, seleção e produção, além de publicar nos números 1, 3 e 5, respectivamente, três poemas, *Ògìyán*, *Tumulto* e *Exit*, um ensaio dramático, *Flèkìn Mérin (Casa das quatro portas)*, e dois contos, *O vôo* e *Diabolina*.

⁷¹ Esta Série é objeto de pesquisa da discente Bruna Lima (UFBA), bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), período 2019/2020, no subprojeto “Série Arte/Literatura: digitalização, descrição e estudo” sob a orientação desta professora pesquisadora.

A *Série Arte/Literatura* é uma produção literária de matriz afro-descendente desenvolvida de forma artesanal, no período de 1982 a 1990, por escritoras e escritores, principalmente baianos, sujeitos desconhecidos ou desprestigiados pelo mercado editorial, sob a coordenação da Profa. Dra. Yeda Pessoa de Castro (CASTRO, 2018, informação verbal)⁷², diretora do CEAO/UFBA, à época.

Tal *Série* foi criada a partir de uma atividade de extensão em que se buscou “[...] trazer a comunidade negra baiana para a universidade [...]” (CASTRO, 2019, informação verbal)⁷³, promovendo encontros de palestrantes religiosos negros e de diferentes artistas baianos no CEAO. Nesse sentido, o Centro funcionou como um espaço de sociabilidade, lugar de criação e crítica. Alguns acadêmicos, contudo, divergiam quanto à abertura da instituição para sujeitos externos àquele universo e acusaram a diretora de promover uma “[...] vulgarização da universidade [...]” (CASTRO, 2019). Por parte de alguns integrantes do Movimento Negro Unificado, por sua vez, também houve reação, crítica ao fato de o Centro ser dirigido e a *Série* ser promovida por uma mulher branca (CASTRO, 2019).

Quanto aos processos de produção e de transmissão da *Série*, conforme Castro (2019), o CEAO concedeu as capas e, institucionalmente, funcionou como espaço de legitimação dos discursos, todavia, efetivamente, a execução coube aos envolvidos no projeto, dentre esses, Nivalda Costa, Valdina Pinto e Aline França, que trabalharam, ativamente, ao lado de Castro. Ressaltamos aqui a tese de Souza (2019) quanto à postura de Nivalda Costa, mulher negra que reivindicou em sua práxis – como intelectual pesquisadora, escritora (poetisa, contista, dramaturga, roteirista), diretora, assistente de direção, atriz, autora, antropóloga, professora, coordenadora pedagógica, assessora de comunicação social, *videomaker*, redatora de publicidade, produtora executiva e consultora de pro-

⁷² Informação obtida durante a palestra *Para rasgar o silêncio: a literatura baiana nas vozes de escritoras negras contemporâneas*, em homenagem a Nivalda Costa (*in memoriam*) e Aline França (hoje), realizada pela Profa. Dra. Yeda Pessoa de Castro, em 8 de março de 2018, na Academia de Letras da Bahia, em Salvador.

⁷³ Informação obtida em entrevista concedida pela Profa. Dra. Yeda Pessoa de Castro, em setembro de 2019, a bolsistas de Iniciação Científica, orientadas pela Profa. Dra. Rosinês de Jesus Duarte (UFBA), coordenadora do projeto de pesquisa “Processo de produção, transmissão e circulação de textos de mulheres negras na Bahia: uma cartografia a partir da década de 80”, na Academia de Letras da Bahia, em Salvador.

grama televisivo (SOUZA, 2019) – o reconhecimento e o respeito à diversidade política, social, étnico-racial, de gênero, sexual, cultural etc., instâncias que se entrecruzam.

A série é composta por cinco livros/números, datiloscritos e depois reproduzidos em mimeógrafo, a saber, n. 1, “Capoeirando” (JESUS, 1982), n. 2, “Poetas baianos da negritude” (VIEIRA, 1982)⁷⁴, n. 3, “Da cor da noite: poemas dramáticos” (COSTA; SODRÉ, 1983), n. 4, “Contos da África e do Oriente” (SANTOS, I., 1984) e n. 5, “Para rasgar um silêncio” (COSTA, 1990), todos conservados em acervos da UFBA, a partir dos quais diferentes artistas, escritoras e escritores, posicionam-se de forma crítica, contribuindo com o processo de descolonização do saber.

O livro “Capoeirando”, primeiro da série, está arquivado no espaço Lugares de Memória da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa e no ACEAO. Na introdução, o organizador Carlos Eduardo Ribeiro de Jesus (Edu Omo Oguiam) comenta que “[c]apoeirar, jogar capoeira, ou simplesmente fazer um jogo, sempre foi [...] o mais negro dos atos. [...] [F]azer um jogo foi a [...] primeira tomada de consciência racial [...]” (JESUS, 1982, p. [3]). Em seguida, apresenta brevemente os escritores e as escritoras que, além dele mesmo, colaboraram com poemas que tratam da questão racial.

Em uma lista intitulada “POEMAS”, temos o nome de tais artistas e o título de seus poemas, como em um sumário (Cf. Quadro 1).

Quadro 1 – Sumário do livro *Capoeirando* (JESUS, 1982, p. [5-7], grifo nosso).

POEMAS Edu Omo Oguiam	Walfran Santos	Cris
– Capoeirando – A vós mestres que vivo – Arde – Até quando? – Malandragem? Consciência? Resistência? Consequência? – Exterminadores – Pivetes	– Sonho – Romeiro – Viajante – Fiquei – Meu canto	– Negro
	Williams/Wilson	Lino de Almeida
	– Disputar ou despertar? – Negro contagiante – Mundo negro	– Liberdade – Senzala – África negra – Normas
		Jacques Filho
		– Poema alegre

⁷⁴ Os livros 2 e 4 estão em processo de digitalização. O segundo livro encontra-se arquivado no espaço Lugares de Memória e no ACEAO, datado de 1982, com 66 páginas, organizado por Hamilton de Jesus Vieira. O quarto livro está arquivado naqueles espaços e no acervo da Escola de Teatro da UFBA, datado de 1984, com 91 páginas, organizado por Ieda Machado Ribeiro dos Santos.

<ul style="list-style-type: none"> - A massa - Supérfluo - Livremo-nos - Dance <p style="text-align: center;">Milton Souza de Jesus</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rebentos da Primavera <p style="text-align: center;">Popó</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rejeitado - Negro X negro - Resolução - Quilombo <p style="text-align: center;">Môa do Katendê</p> <ul style="list-style-type: none"> - Gina - Zumbí negro de fúria - Crianças negras - Eu agora sinto mais perto 	<p style="text-align: center;">Antônio Castro</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nos bastidores - Lá no leste - A dança dos orixás - Raízes da América - Ideologia <p style="text-align: center;">Heron</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perfil azeviche - Ancião Mali - Gitolú <p style="text-align: center;">Nivald[a] Costa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ogyã - Tumulto - Exit 	<ul style="list-style-type: none"> - Carne esverdeada - A falsa fome - Estado - Relação <p style="text-align: center;">Jônatas C. da Silva</p> <ul style="list-style-type: none"> - Zumbí é senhor dos caminhos
<p>Fonte: ACEAO.</p>		

Quanto aos aspectos físicos do livro, o suporte mede 25cmx18cm. Constam 59 páginas numeradas em algarismos arábicos, no ângulo inferior, ao centro. O papel encontra-se amarelado devido à ação do tempo. A composição, a programação gráfica e a revisão são de Élvio Machado. Esta produção contou com a colaboração da Coordenação Central de Extensão e da Superintendência Estudantil da UFBA.

O livro “Da cor da noite: poemas dramáticos”, terceiro da série, possui 43 páginas numeradas em algarismos arábicos, no ângulo inferior, à esquerda e à direita, respectivamente, de 8 a 43. Encontra-se também arquivado no espaço Lugares de Memória e no ACEAO. O livro é composto por uma apresentação, assinada por Élvio Machado, um ensaio dramático em seis atos, de Nivalda Costa, intitulado “Flèkùn Mérin (Casa das quatro portas)”, às páginas 5-30, e uma lenda iorubá sobre o nascimento dos orixás, de Jaime Sodré, “Olóba Làse”, às páginas 31-43.

A composição é de Eliane Bittencourt, revisão e programação gráfica de Élvio Machado. Traduções em línguas espanhola e inglesa de Fernando Posnar e Heliane Posnar. O suporte mede 23cmx17cm e o papel apresenta-se amarelado devido à ação do tempo.

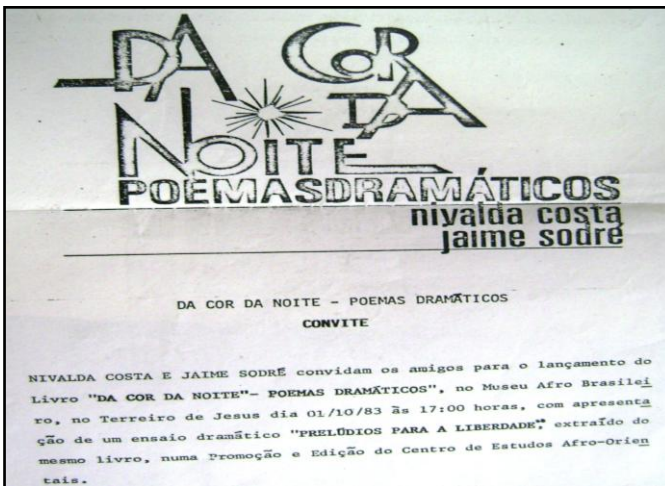
Na introdução, Machado (1983) afirma que a série “[...] tem

procurado, na medida do possível, divulgar novos autores, principalmente baianos, que sempre tiveram dificuldades em trazer à tona seus trabalhos” (MACHADO, 1983, p. [3]), em seguida, apresenta os autores, Costa e Sodré, e explica:

‘poemas dramáticos’, [...], segundo Nivalda Costa, são os ‘primeiros passos de uma nova poética, onde o drama direciona acordes para um futuro no qual a dor caiba apenas como uma lembrança remota’ (MACHADO, 1983, p. [4]).

No ANC, por meio de documento conservado no APNC, temos conhecimento acerca do convite de lançamento deste livro (Cf. Figura 1), no qual há registro quanto à data, ao horário e local, bem como sobre a apresentação de *Prelúdios para a Liberdade*, quinto ato, composto por cinco cenas, do ensaio “Flèkùn Mérin (Casa das quatro portas)”.

Figura 1: Fac-símile de Convite de lançamento.



Fonte: COSTA; SODRE, 01 out.1983. APNC.

Esse ensaio resulta de pesquisas realizadas, sobretudo em meados da década de 1980, após escrita da *Série de estudos cênicos sobre poder e espaço* (SECPE), quando Nivalda Costa estudava mitos africanos

(COSTA, 2010, informação verbal)⁷⁵. *Prelúdios para a Liberdade*, parte do referido ensaio, posteriormente, foi retomado (e provavelmente reescrito), em fins de 1980 e início de 1990, durante o desenvolvimento da *Feira de Cultura Afonjá*, atividade anual realizada no Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá. Nesse espaço, Nivalda Costa, além de outras atividades, na década de 1990, durante o referido evento, realizou oficinas de teatro e apresentações com crianças e jovens.

Em relação a essa atividade, a mesma nos explicou:

[...] vem [...] um momento em que eu começo a estudar mitos da religiosidade negro-africana, no Brasil, [por]que eu sou uma mulher negra e sempre fui identificada com minhas raízes, com meus princípios [...], e sempre estudava isso. Então no período quando eu saio da Série poder e espaço [SECPE⁷⁶], [eu estou] trabalhando justamente com mitos, mitos e lendas das mitologias africanas.

[...] Num terreiro de Salvador chamado Ilê Axé Opô Afonjá, eu desenvolvi, durante quatro ou cinco anos, diversos estudos com adolescentes e crianças, vinculados, normalmente, [...] ao terreiro, [...], de sete, oito anos de idade, literalmente, até vinte e poucos anos, [...] foi muito gratificante, foi um grande exercício de vida para mim, de aprendizado de vida.

[...] Nesta época do Ilê Axé Opô Afonjá, tinha uma Feira de Cultura Afonjá, [...] tinha shows musicais, [...] feira de roupa, de comidas, e, sobretudo, palestras, conferências, coisas muito interessantes [...], inclusive essas minhas apresentações. Então, todo ano, na Feira de Cultura Afonjá, o grupo sempre tinha um trabalho a apresentar. E aí a gente fez *Prelúdio[s] para a Liberdade*, nós fizemos [*Suíte:*] *o quilombola*, [...], e daí nasceu [*Passagem para*] *o encanto* [...] (COSTA, 2010, informação verbal).

Nesse registro fica explícita a participação de Nivalda Costa no processo de construção social, política e cultural daquela comunidade, tecida por muitos agentes, simbolizada, nesse caso, em uma atividade, a da feira de cultura, promovendo práticas de conhecimento por meio do

⁷⁵ Informação obtida em entrevista concedida por Nivalda Costa, em out. 2010, a esta pesquisadora, na Biblioteca do CEAO/UFBA, em Salvador.

⁷⁶ *A Série de estudos cênicos sobre poder e espaço* (SECPE), foi desenvolvida no período de 1975 a 1980. “Essa série, resultante de pesquisas, (re)leituras e experimentos, é constituída pelos textos *Aprender a nada-r* [1975, 9f. / 7f.], *Ciropédia ou A iniciação do príncipe*, *O pequeno príncipe* (1976, 13f. / 15f.), *Vegetal vigiado* [1977, 10f.; 1978, 16f.], *Anatomia das feras* [1978, 12f. / 11f.], *Glub! Estória de um espanto* [1979, 10f.] e *Casa de cães amestrados* [1980, 19f.], textos escritos (no e) para o palco como manifestos, por Nivalda Costa, que assumiu muitos papéis, principalmente, de dramaturga, diretora e intelectual, denunciando abusos de poder e incitando o público a buscar saídas, a transformar a realidade” (SOUZA, 2019).

diálogo entre saberes, em uma política de ação que se manteve durante anos. É interessante ler como essa prática se constrói na articulação entre diferentes formas de aquisição de saber, de modo dialógico e engajado, considerando suas origens e identidades, suas pesquisas de mitos e lendas africanas, suas interpretações do saber científico e adaptações/apropriações à realidade vivenciada, em encontros e ensaios, momentos de troca com crianças e jovens (SOUZA, 2019).

“Prelúdios para a Liberdade” [198-], “Passagem para o encanto” [1989/1995, 3f.] e “Suíte: o quilombola” [1990, 5f.], construídos e apresentados na feira, conforme citados na entrevista acima, passaram a integrar a *Série Estudos sobre etnoteatro negro brasileiro*, conjunto de textos teatrais curtos, “exercícios cênicos”, cuja aplicabilidade se deu em comunidades periféricas de Salvador, em formato de oficinas, dos anos 1990 até 2000 (COSTA, 2010, informação verbal).

O livro “Para rasgar um silêncio” faz parte do ACEAO/UFBA, composto por uma introdução assinada por Nivalda Costa, responsável pela seleção dos textos, e dez contos de temática negra (Cf. Figura 2). Este é o quinto, e último, livro da série, publicado em 1990, após seis anos de “silenciamento” da produção, sentimento expresso de forma figurada, na capa, por meio do título “PARA RASGAR UM SILÊNCIO”, inscrito em caixa alta, e de uma ilustração, uma boca aberta sobreposta àquele nome, ambos ao centro. A revisão é de Edna do Espírito Santo, reprografia de Cláudio Araújo e datilografia de Vera Maria Gomes da França.

Figura 2: Fac-símile do sumário do livro “Para rasgar um silêncio”.

S U M Á R I O	
Carmen Ribeiro	O PRESENTE DE CASARENTO...04
	IVÁ EJO ...08
Clarindo Silva	A TERRA DO JÁ FOI ...14
	MARCAS QUE FICARAM ...16
	LEALDADE DE LEAL ...18
Everaldo Duarte	ANDAMENTO ...21
Jaime Sodré	LIBERDADE-FLOR DO MANDACARU ...25
Jonatas Constâncio	NINHA NISSÃO ...40
José Carlos Limaire	O LOBO DE BOTAS ...45
Nivalda Costa	O VOO ...56
	DIABOLINA ...64
Rita Gonçalves	CONTO IV ...67
Nivalda Pinto	KUUNZI RWAANAGUNZU ...69
Xyko	O COQUETEL ...75
	TERÇA FEIRA ...82
	A SALINHA MALTRATADA ...85

Fonte: COSTA, 1990, p. [3], ACEAO.

Na introdução, Nivalda Costa tece um discurso problematizando o fazer poético, a liberdade de expressão e a literatura como potência para discutir questões de memória, identidade e poder (SOUZA, 2019). Neste texto, a organizadora situa o leitor em relação a seu lugar de enunciação, da Baía de Todos os Santos, da cidade de Salvador, diversa e plural, e à

proposta dos escritores de renovação estética, própria a uma “[...] literatura emergente [...]” (COSTA, 1990, p. [3]), assim autodenominada.

Registra ainda, nesse texto, a tendência a se posicionar no entre-lugar, na fronteira entre as dimensões crítica e ficcional, em “[a] estória recontada a estória criada, a ficção existencial, as recordações como páginas do tempo são algumas das sugestões poéticas nesta coletânea [...]” (COSTA, 1990, p. [3]), e a perspectiva de criar sem cortes, limites e censura, momento em que “[...] o poeta se liberta, desfaz os nós do silêncio [...]” (COSTA, 1990, p. [3]), e, por conseguinte, torna-se capaz de, por meio de sua produção intelectual, libertar (SOUZA, 2019). Entendemos “libertar” de modo associado à ideia de “[...] socialização radical do poder [...]” (QUIJANO, 2009, p. 114), que envolve promoção de descentramentos, “[...] o engajamento na luta pela destruição da colonialidade do poder [...]” (QUIJANO, 2009, p. 113).

No ANC, na série Publicações na imprensa e em diversas mídias, na qual reunimos cento e oitenta e um (181) documentos, recortes de jornais e postagens veiculadas na internet, datados de 1973 a 2016, temos uma matéria de jornal intitulada “Contistas baianos rasgam o silêncio”, veiculada no jornal “A Tarde”, no dia 14 de dezembro de 1990, na qual somos informados a respeito do lançamento do supracitado livro, realizado no Espaço Cultural Cantina da Lua, em Salvador. Nessa matéria, Nivalda Costa explicou que ao reunir textos de variados conteúdos e estruturas a ideia foi “[...] criar uma diversidade, mostrando outros caminhos e novos estilos [...]” (CONTISTAS..., 1990), que convergem quanto a um “[...] *feeling* negro, [...] que perpassa todos os contos [...]” (CONTISTAS..., 1990).

Jaime Sodré, um dos escritores que contribuíram, abordou, nessa mesma matéria, sobre as possibilidades do gênero literário “conto”, quanto a questões estéticas e políticas, as dificuldades enfrentadas por artistas baianos para editar e publicar suas produções, assim como sobre o “caráter artesanal” deste quinto número, o que coaduna com a informação apresentada por Castro (2018). Nivalda Costa comentou ainda sobre os seus contos, a linguagem e o processo de criação a partir de suas “[...] referências existenciais [...]” (CONTISTAS..., 1990) e da “[...] livre criação [...]” (CONTISTAS..., 1990), reforçando a ideia registrada na introdução do livro quanto “[...] à procura da ampliação do espaço verbal [...]” (COSTA, 1990, p. [3]). Em consonância com os pressupostos ideológicos e estéticos de Nivalda Costa, a *Série Arte/Literatura* é uma produção literária subversiva e híbrida, emergente e marginal, termo esse relacio-

nado aqui à postura e à proposta de renovação estética e de reivindicação sociopolítica adotadas por intelectuais e artistas nas décadas de 1960 e 1970 (FARIA; PENNA; PATROCÍNIO, 2015). Nesse sentido, mobilizando pressupostos teóricos de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2009) quanto à necessidade de reconhecimento da diversidade epistemológica, ontológica e cultural, lemos a série como uma prática de conhecimento tecida em defesa da diversidade epistemológica do mundo, por meio da qual se criaram espaços de relação, articulação entre sujeitos, saberes e formas de conhecimento.

Produzir a referida série é promover informação, formação e reflexão crítica, assim como incentivar a criação e o acesso a bens culturais, intervindo na sociedade. Publicar os cinco números/livros significa (re)construir espaços de visibilidade e de audibilidade, apresentar narrativas e possibilitar descentramentos. Essa perspectiva vai ao encontro do que defende Spivak (2010 [1985]) ao afirmar que cabe ao intelectual “[...] a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual” (SPIVAK, 2010 [1985], p. 15).

3. Considerações finais

A produção intelectual de Nivalda Costa é construída por meio de uma fusão entre saberes, culturas e fazeres distintos, envolvendo, de forma relacional, vivência de mundo; criação de dispositivos de pesquisa; gesto de pesquisa, que se confunde com movimento de escrita; leitura antropofágica, momento de deglutição e de transformação; experimentação, ato de criação (SOUZA, 2019).

De acordo com suas experiências e vivências, Nivalda Costa lutou contra a repressão, a censura e o preconceito, em diferentes instâncias, produzindo textos/discursos, promovendo atividades socioculturais, participando de movimentos, manifestações e produções, como da *Série Arte/Literatura*, articulada a grupos de intelectuais, a escritores, a artistas, em práticas de saber e de resistência. Nesse sentido, a pesquisa filológica dos e/nos documentos do ANC tem nos conduzido a outros textos, sujeitos e práticas.

Participar efetivamente da Série, trabalhando ao lado de Castro, reitera a leitura de Souza (2019) quanto a Nivalda Costa, em suas produções, enunciações e projetos, posicionar-se a favor da igualdade de direi-

tos, militando em defesa de uma racionalidade mais ampla, de uma visão do homem em perspectiva histórica e sociológica, de uma ampliação do acesso à cultura para todos.

A *Série Arte/Literatura* é uma produção literária que merece ser revisitada, estudada e editada. Ao adotar essa série como objeto de estudo, em uma perspectiva filológica social e política, propondo digitalização, descrição e, por conseguinte, estudo crítico-filológico, pode-se contribuir quanto (i) à suplementação da massa documental digital que constitui o ANC; (ii) a colocar em cena escritoras e escritores que atuaram de forma significativa naquele contexto social; (iii) ao processo de construção da memória e da história do povo baiano. Este gesto de leitura, promovido por meio de atos de construção e de interpretação, subsidiará, ainda, o desenvolvimento de outros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória. A função memorial dos acervos em tempos digitais. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012. p. 119-60.

BORGES, Rosa. Entre acervos, edição e crítica filológica. *CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA*, 16, 2012, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. v. XVI. p. 515-24. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CASTRO, Yeda Pessoa de. [Série Arte/Literatura: a produção de mulheres negras na Bahia]. [Entrevista cedida a] discentes de Iniciação Científica da UFBA. Salvador, set. 2019. Local: Academia de Letras da Bahia.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Para rasgar o silêncio: a literatura baiana nas vozes de escritoras negras contemporâneas. *PALESTRA em homenagem a Nivalda Costa (in memoriam) e Aline França (hoje)*, mar. 2018, Salvador, Academia de Letras da Bahia.

CONTISTAS baianos rasgam o silêncio. *A Tarde*, Salvador, p. 10, 14 dez. 1990.

COSTA, Nivalda Silva. *Série de estudos cênicos sobre poder e espaço*. [Entrevista cedida a] Débora de Souza. Salvador, out. 2010. 1 CD. Local: Biblioteca do Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO/UFBA.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. (Org.). *Para rasgar um silêncio*. Salvador: CEAO, 1990. Série Arte/Literatura, n. 5.

_____. *Suíte: o quilombola*. [1990], [5] folhas.

_____. *Passagem para o encanto*. [1989/1995], [3] folhas.

_____. *Prelúdios para a Liberdade*. [198-].

_____; SODRÉ, Jaime. *Da cor da noite: poemas dramáticos*. Salvador: CEAO, 1983. Série Arte/Literatura, n. 3.

FAGUNDES, Carla C. Rocha; SOUZA, Débora de. Nos bastidores de acervos de dramaturgos baianos: por uma leitura crítico-filológica. *Léguas & Meia*: revista Digital do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, v. 10, n.1, p. 81-100, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br>. Acesso em: 18 dez. 2019. ISSN 1676-5095.

FARIA, Alexandre; PENNA, João Camillo; PATROCINIO, Paulo Roberto Tonani do. Modulações da margem. In: ____ (Org.). *Modos da Margem*: figurações da marginalidade na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015. p. 19-43

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina/CES, 2009. p. 419-41

HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2012.

HOISEL, Evelina. Questões biográficas na rede de escritas do intelectual múltiplo. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012. p. 161-73

JESUS, Carlos Eduardo R. de (Org.). *Capoeirando*. Salvador: CEAO, 1982. Série Arte/Literatura, n. 1.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: EDUNICAMP, 1994.

MACHADO, Élvio. Apresentação. In: COSTA, Nivalda; SODRÉ, Jaime. *Da cor da noite: poemas dramáticos*. Salvador: CEAO, 1983. p. 3-4. Série Arte/Literatura, n. 3.

MCKENZIE, D. F. *Bibliografía y sociología de los textos*. Trad. de Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina/CES, 2009. p. 72-117

SACRAMENTO, Arivaldo; SANTOS, Lucas de Jesus. A Filologia como ética de leitura. *Revista da ABRALIN*, v. 16, n. 2, p. 129-168, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das letras, 2005 [1994].

SANTOS, Ieda Machado Ribeiro dos (Org.). *Contos da África e do Oriente*. Salvador: CEAO, 1984. Série Arte/Literatura, n. 4.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Rosa Borges dos. Dramaturgia censurada em arquivo digital: acervos e edição. In: ALMEIDA, Isabela Santos de; BARREIROS, Patrício Nunes; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Filologia e humanidades digitais*. Feira de Santana: EDUEFS, 2018. p. 103-30

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Trad. de Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 231-69

SOUZA, Débora de. *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico*. 2019. 449 f. 2 v (um volume em site). Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>. Acesso em: 29 jul. 2019.

_____; SANTOS, Rosa Borges. Acervo Nivalda Costa: circulação, leitura e estudo crítico. *Manuscrita*, São Paulo, n. 35, p. 137-50, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/>. Acesso em: 18 dez. 2019. ISSN 1415-4498.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. de Sandra Regina G. Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: EDUFMG, 2010 [1985].

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VIEIRA, Hamilton de Jesus (Org.). *Poetas baianos da negritude*. Salvador: CEAO, 1982. Série Arte/Literatura, n. 2.